

**ENTRE AS MULHERES, EU SOU NEGRA, ENTRE AS NEGRAS, EU SOU LÉSBICA -**  
Treyce Ellen Goulart

**HISTÓRIA DA ÁFRICA E A QUESTÃO LGBT:  
UMA RESISTÊNCIA AO PENSAMENTO EURO  
CÊNTRICO NAS ESCOLAS E NOS MUSEUS -**  
JADDSON LUIZ SOUZA SILVA

# Madame Satã

*Matérial Especial*

Entrevista realizada pelo Pasquim em 1971



**Transgredindo Gênero: A Travesti entre a urbe e o espaço social**

Carla Brito Sousa Ribeiro

**Núcleo de Estudos e Pesquisas - Projetos de Extensão -  
Trabalhos Apresentados - Trans Day NIGS 2013**

Julia Moura Godinho

**Patrimônio Cultural**

**Revista Memória LGBT**

**Museologia Social**

**Memória**

**LGBT**

**Acesse: [www.memorialgbt.com](http://www.memorialgbt.com)**

# Editorial

Tony Boita  
tony@memorialgbt.com

A Revista Memória LGBT é vinculada ao projeto Patrimônio Cultural LGBT e museus: mapeamento e potencialidades de memórias negligenciadas. É apoiada pela Rede LGBT de Memória e Museologia Social e pelo Programa de Extensão em Defesa do Patrimônio Comunitário Comunidades Furg - COMUF.

Para tal, esta revista é autônoma, colaborativa e democrática. E com isso pretendemos agregar, disseminar e salvaguarda a memória, história, o patrimônio cultural e ações de museologia social da comunidade LGBT.

Ressaltamos também que a Revista Memória LGBT é um espaço aberto para a população LGBT, bem como redes, coletivos, cooperativas, comunidades, grupos, militantes, projetos, pesquisas, boletins e outras ações que promovam a memória, história e o patrimônio cultural de nossa comunidade LGBT.

Nesta edição, a revista Memória LGBT inicia o ciclo de debates referentes aos Afro Gays; Afro Lésbicas; Afro Trans. Iniciamos com uma importante reflexão sobre a mulher, negra e lésbica enviada pela historiadora Treyce Ellen Goulart, que também indica o documentário "Lésbicas Negras". Em seguida Jaddson Luiz Sousa Silva traz a problemática de ensino da história afro, em especial a partir da questão LGBT em escolas e museus. Como matéria especial que trouxemos um dos maiores mitos LGBT's do país. Um verdadeiro mestre de cultura popular. José Francisco dos Santos, a imortal Madame Satã que foi entrevistada em 1971 por integrantes do Pasquim. Esta entrevista é um importante documento para a memória LGBT brasileira. E para fechar esta edição contamos com o apoio da Rede LGBT em Memória e Museologia Social que nos contempla com o texto de Carla Brito Sousa Ribeiro, Transgredindo Gênero. E Julia Moura Godinho apresenta; núcleos de estudos e pesquisa; projetos de extensão; trabalhos apresentados; além de um importante convite, o Trans Day Nigs 2013.

Boa leitura

Beijos

---

Revista Memória LGBT – Ano 1 N° 1 – Outubro / Novembro de 2013

ISSN 2318-6275

[www.memorialgbt.com](http://www.memorialgbt.com) – [revista@memorialgbt.com](mailto:revista@memorialgbt.com)

Edição, Arte e Diagramação: Tony Boita

Corpo Editorial: Anna Luisa Santos de Oliveira, Jean Baptista, Julia Moura Goudinho, Tony Boita, Treyce Ellen Goulart

Colaboradorxs desta edição

Carla Brito Sousa Ribeiro, Giane Vargas Escobar, Jaddson Luiz Sousa Silva, Julia Moura Godinho, Treyce Ellen Goulart; Tony Boita;

Agradecimentos: Aos Articulador@s da Rede LGBT de Memória e Museologia Social; Ao Programa em Defesa do Patrimônio Comunitário Comunidades FURG; Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABLGT; O Pasquim; Jean Baptista; Madame Satã.

# Índice

## Artigos

página 07

**ENTRE AS MULHERES, EU SOU NEGRA, ENTRE AS NEGRAS, EU SOU LÉSBICA** – Treyce Ellen Goulart

**HISTÓRIA DA ÁFRICA E A QUESTÃO LGBT: UMA RESISTÊNCIA AO PENSAMENTO EUROCÊNTRICO NAS ESCOLAS E NOS MUSEUS** - Jaddson Luiz Sousa Silva

## Especial

página 18

*Madame Satã*

Entrevista realizada pelo Pasquim em 1971

## Exclusivo

página 36

**Transgredindo Gênero: A Travesti entre a urbe e o espaço social** – Carla Brito Sousa Ribeiro

**Núcleos de Estudos e Pesquisas – Projetos de Extensão – Trabalhos Apresentados – Trans Day NIGS 2013**  
Julia Moura Godinho

## Acontecendo

página 42

**Paradas LGBT's pelo Brasil – Exposições – Eventos – Núcleo de Estudo Ser-tão**

**Chamada para a próxima edição**

**15/11/2013**

**Até 6 páginas - Até 6 fotos - Formato.doc**

**Acesse:**

**[www.memorialgbt.com](http://www.memorialgbt.com)**

**[revista@memorialgbt.com](mailto:revista@memorialgbt.com)**

**[www.redelgbtmemoriamuseologia.  
blogspot.com.br](http://www.redelgbtmemoriamuseologia.blogspot.com.br)**

**[redememorialgbt@gmail.com](mailto:redememorialgbt@gmail.com)**

A decorative border of red dots surrounds the text.

**Novembro Mês da  
Consciência Negra**

**20 de novembro  
Dia da Consciência  
Negra**

# “Entre as mulheres, eu sou

Por Treyce Ellen Goulart

treyceellen@hotmail.com

O sentimento de inadequação contido na fala da poetisa negra e lésbica Audre Lorde ressoa em meus pensamentos e nas memórias que tenho de inúmeros relatos de outras jovens mulheres negras e lésbicas. Ao que parece, nós precisamos vencer de uma só vez três entraves sociais estabelecidos: o machismo, o racismo e a homofobia. Me pergunto qual seria o pior dentre os três, qual seria a nossa prioridade, nosso maior inimigo a combater?

Quando pensamos somente sobre os dois primeiros termos desta equação não poderia me privar de referendar Bell Hooks. A autora nos lembra de que, durante muito tempo, nos foi dito que a emancipação do sistema racista seria o bastante para a garantia de nossa liberdade. Naquele momento nos parecia que o racismo deveria ser nossa maior preocupação. Antes de sermos mulheres éramos negras. Estas questões também se fizeram presentes no Brasil, como é apontado pela professora Sueli Carneiro. Por aqui, as memórias contadas por nossas bisavós, avós e mães eram/estão traduzidas em corpos que trazem marcas de seres aos quais nunca fora concedida a imagem de fragilidade, como tradicionalmente ocorria com mulheres brancas.

**Entretanto, é inegável que estivemos tanto lá quanto cá duplamente oprimidas pelo racismo e pelo sexismo.**

No campo da visibilização de nossas identidades, nossa orientação sexual - nossas lutas, vitórias, derrotas e avanços nesta área - se apresentam bastante ofuscados. Pensemos e listemos juntxs uma lista de cinco mulheres negras lésbicas ou bissexuais. Conseguiu lembrar alguém? Confesso: quando comecei a desacomodar o meu olhar e realizar este exercício proposto, percebi que, pessoalmente, tive durante minha adolescência e mesmo hoje pouquíssimas ou nenhuma referência de lésbicas ou bi. Mesmo hoje precisei recorrer

# negra, entre as negras, eu sou LÉSBICA...”

a outras companheiras, ativistas/blogueiras e à internet. Tive a felicidade de encontrar e me apaixonar pela cantora Tracy Chapman (trilha sonora da escrita deste texto), descobrir a bissexualidade da rapper e atriz norte americana Queen Latifah, lembrar Preta Gil entre outras de nós que aí estão inseridas no cenário cultural.

Ao encontrá-las, algumas questões ficaram esclarecidas enegrecidas (sim, enegrecidas porque me incomodaram, chamaram à reflexão, ao questionamento). Onde estarão as mulheres negras e bissexuais assim como eu nas Universidades, por exemplo? Existe um conhecimento científico aprofundado e que nos represente? Onde estão registradas e valorizadas nossas memórias, nossa resistência e nossa batalha cotidiana pela sobrevivência aos, ao menos, três sistemas de opressão cotidianamente enfrentados por nós?

Hoje é possível vislumbrar um cenário de relativos avanços, forte e resistentemente conquistados por nós mulheres negras. Entretanto, me parece que nossa força e enfrentamento aos danos causados por este duplo sistema de opressão não significa transformá-lo. Nossas realidades nos permitem um olhar marcado por especificidades e que devem ser considerados nas lutas pelos direitos das mulheres. Em um mundo em que conquistamos a legalização ao casamento homoafetivo, em que a sexualidade é celebrada (pelo menos em nosso meio), em que nos unimos frente àqueles que desejam e procuram tolher nossos direitos mais básicos como podemos trazer a tona, discutir, fortalecer nossas especificidades e enfrentar os desafios enquanto negras lésbicas/bissexuais? Não procuro aqui apresentar respostas prontas, porque, de fato, não as possuo.

Deixo a reflexão e o dever de casa (para mim também) de buscar estes vestígios que guardam pedaços de nossas memórias e de nossa história e que talvez possam colaborar na composição identitária de cada uma de nós.

(NEGRA LÉSBICA) Brasil (SP)  
2012 • cor • digital / 4 min. • Documentário  
• Todas as idades

### Sinopse

Seis mulheres, seis histórias diferentes, mas que apresentam um único elo – o preconceito que sofrem por serem negras e assumirem a sua orientação sexual como lésbicas, dentro de uma sociedade machista e heteronormativa.

#### Diretor:

Patricia Norica, Priscilla Ap Mendes dos Santos, Formiga , Erica Roberta Silva

#### Produtor:

Patricia Norica, Priscilla Ap Mendes dos Santos, Formiga , Erica Roberta Silva

#### Camera:

Patricia Norica, Priscilla Ap Mendes dos Santos, Formiga , Erica Roberta Silva

#### Som Direto:

Erica Roberta Silva, Patricia Norica, Priscilla Ap Mendes dos Santos, Formiga

# NEGRA LÉSBICA

**Assista:**

**[http://www.youtube.com/  
watch?v=udFj1NW\\_Sfg](http://www.youtube.com/watch?v=udFj1NW_Sfg)**



# HISTÓRIA DA ÁFRICA E A QUESTÃO LGBT: Uma resistência ao pensamento eurocêntrico nas escolas e nos museus

**Jaddson Luiz Sousa Silva**

jaddson\_luiz@yahoo.com.br

O ensino de história da África, somente há pouco tempo tornou-se obrigatório nos currículos escolares e tal fato se deu a partir da implantação do projeto de lei 10.639/2003, que tornou obrigatório, no território brasileiro, o ensino, nas escolas públicas e particulares, da história e cultura afrodescendente. Todavia, embora esta seja uma grande conquista dos movimentos afrodescendentes no Brasil, na prática, muito ainda precisa ser feito para que haja uma mudança significativa no campo escolar. Na atualidade, temos experimentado outras formas parecidas de luta por direitos, reconhecimento e legitimação perpetrados por grupos marginalizados social e culturalmente, entre eles, o Movimento LGBT tem se destacado por sua organização política e militância em prol de mais espaço e respeito em nossa sociedade. Recentemente, uma cartilha, estrategicamente apelidada de Kit-Gay pelos opositores, pretendia promover, nas escolas, a luta contra a homofobia. Em conjunto, as limitações enfrentadas no ato da inserção da história da África e da questão LGBT nas escolas e nos museus impede o entendimento de uma socie-

dade africana que possuía relações de gênero complexas e elucidativas para a compreensão da formação histórica e cultural da sociedade brasileira.

O presente ensaio pretende apresentar a importância da implantação do projeto de lei 10.639/2003, a partir das perspectivas de resistência através dos costumes e da noção de formação de classe teorizadas pelo historiador Edward P. Thompson. Pensar a partir desta perspectiva teórica, como veremos, pode nos fazer perceber a urgência e a importância da resistência, dentro das escolas e museus, contra os discursos dominantes que são vorazmente excludentes por meio da combinação entre racismo e homofobia.

Para que se possa entender a importância desempenhada pela lei 10.639 na educação brasileira, antes, se faz importante uma análise de como se deu a escrita da história, que culminou na visão estereotipada que ainda permanece presente no inconsciente coletivo.

O processo de escrita da história da África pode ser compreendido como, moldado pelo prisma do pensamento ocidental, que, entre o final do século XVIII e início do XIX se consolidou

devido o método racionalista de compreensão do mundo, se configurou como um saber moderno, pois era baseado nos métodos científicos aceitos na época.

Segundo Hernandes (2005, p. 17):

*As idéias desta 'produção dos tempos modernos' revestem-se de uma legitimidade científica que deriva do par dicotômico saber-poder que se instala e se conserva fiel à regra de que '[...] não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância'. Em outras palavras, a atividade do conhecer passa a ser reconhecida como um privilégio dos que são considerados mais capazes, mais bem-dotados, sendo-lhes, por isso, conferida a tarefa de formular uma nova visão do mundo, capaz de compreender, explicar e universalizar o processo histórico.*

Ou seja, o fazer científico da época consistia em colocar a Europa como sendo superior aos outros povos e com autoridade para formular uma visão sobre o mundo, e, como pode ser destacado na citação acima, também atribuía à Europa, o poder de explicar o processo histórico.

Pode ser destacada, no campo da história construída a respeito da África, uma série de elementos que simplificavam e inferiorizavam esta região e seus povos. Devido ao fato de predominar, no fazer científico, os discursos ideoló-

gicos, passou-se a criar elementos que generalizavam os africanos, em conceitos explicados através da noção de raça.

*Por sua vez, em razão de essa racionalidade ser predominantemente ideológica, as representações norteiam o plano discursivo em detrimento da crítica fundamental para a constituição do pensamento. Os africanos são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas baseadas em certa noção de raça negra. Assim sendo, o termo africano ganha um significado preciso: negro, ao qual se atribui um amplo espectro de designações negativas tais como frouxo, fleumático, intolerante e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de interiorização e primitivismo (HERNANDES, 2005, p. 18).*

Contudo, o que predominava no discurso científico era a valorização do modo de ser europeu, em detrimento dos outros povos, como é o caso da região africana. Levando em consideração que a África era, até então, colônia da Europa, tal discurso se caracterizava como uma forma de justificar a exploração praticada pelo domínio europeu. Ao todo, Hernandes (2005) expõe dois autores que sintetizam o cientificismo desse período, e a visão que estes tinham sobre a África e os africanos que vem a ser o filósofo Frederic Hegel e Charles Linné.

O pensamento defendido por Hegel,

apresentado no livro, *Filosofia de la historia universal*, construía a ideia de uma África sem história e atrasada, que estaria fadada ao fracasso.

Hegel dividia a África em duas partes e tinha como ponto de referência o deserto do Saara. Tal argumento apontava que, devido às condições climáticas predominantes no sul do deserto do Saara, não haveria condições propícias para o desenvolvimento cognitivo do ser humano, o que fazia com que o comportamento dos povos que habitavam a região fosse análogo ao animismo.

Charles Linné, afirmando a existência de diferenças entre o *homo sapiens*, desenvolve uma análise voltada para a construção de elementos característicos de cada um dos grupos. Sendo assim, Linné define que a humanidade é dividida em cinco tipos. Com esta afirmação, ao africano, restaram as seguintes características: “negro, fleumático, relaxado. Cabelos negros, crespos; pele acetinada; [...] lábios túmidos; engenhoso, indolente, negligente [...] Governado pelo capricho” (HERNANDES, 2005, p. 19).

Essas visões passariam a mudar no decorrer do século XX. Quando os países africanos começaram a se emanciparem do poderio europeu, o processo de construção de outra história da África passa a se fazer presente. Esses países, na corrida para se constituírem como um estado-nação forte e unificado, precisavam apagar a história escrita sobre a região até o presente momento.

Utilizando-se das novas abordagens historiográficas e de novas metodologias de pesquisas, os relatos orais e a arqueologia passaram a direcionar a nova escrita da história da África. Com isso, a face de uma África complexa, no que tange a formação de seu povo, e possuidora de grandes reinos, começa a se fazer presente, contrariando, assim, a visão europeia de uma África sem história. No que diz respeito à sexualidade africana, novos estudos tem demonstrado que em distintas sociedades africanas, tal qual os Cuanhamas de Angola e os Zulu, as lideranças espirituais assumiam papéis onde o gênero poderia ganhar outras dimensões corpóreas, o que redimensiona a percepção da transexualidade naquele continente e no nosso.

Vale ressaltar, a princípio, que acreditamos na luta dos grupos organizados em prol do ensino das práticas e religiosidades afrodescendentes em escolas e museus como uma forma de resistência que articula estrategicamente negociações e conflitos com o intuito de gerar, assim, um sentimento de classe, tanto nos membros engajados politicamente, quanto, direta e/ou indiretamente, nos envolvidos culturalmente pelas práticas e religiosidades afrodescendentes.

Para Thompson (1998), os costumes que determinados agentes sociais tem em comum, constitui um campo de resistência às tentativas de reforma social propostas pelos grupos mais abastados da sociedade que veem nas classes

marginalizadas, e neste meio incluímos grupos como os homossexuais e os religiosos afrodescendentes, um aglomerado de práticas primitivas e ameaçadoras do “bem-estar” social. Assim sendo, percebemos que é por essas e outras relações excludentes que

*[...] a cultura popular é rebelde, mas o é em defesa de seus costumes. Esses pertencem ao povo, e alguns se baseiam realmente em reivindicações muito recentes. Contudo, quando procura legitimar seus protestos, o povo retorna freqüentemente às regras paternalistas de uma sociedade mais autoritária, selecionando as que melhor defendam seus interesses atuais (THOMPSON, 1998, p. 19).*

Com isto, acreditamos, aqui, que no ato de tornar a história e a cultura afrodescendentes temas obrigatórios nos currículos escolares e, uma forma de legitimação, através da educação formal, se faz presente. Neste ponto, encontramos uma perspectiva importante, no caso, a ampliação da perspectiva de resistência compreendida por Thompson, pois, para este historiador, a resistência ocorria através da prática de costumes que estavam sendo proibidos, mas que outrora eram praticados livremente. Esta resistência ocorreria, basicamente, em dimensões informais como resistência a educação e práticas reformadoras que pretendiam homogeneizar os costumes comumente aceitos.

Desta forma, a primazia proporcionada pela luta de grupos afrodescendentes, corresponde ao fato de que estes se apropriaram do sistema utilizado, pelos grupos dominantes, para dominar, reformar e homogeneizar outros grupos historicamente marginalizados.

Segundo Thompson (1998):

*Nesse confronto, é possível perceber o delineamento das subseqüentes formações de classe, bem como da consciência de classe: e os fragmentos residuais das antigas estruturas são vividos e reintegrados no âmbito dessa consciência de classe emergente. Em certo sentido, a cultura plebéia é do povo: uma defesa contra as intrusões da gentry e do clero; consolida aqueles costumes que servem ao interesse do povo (THOMPSON, 1998, p. 21).*

Não há como não perceber, nas práticas religiosas oriundas dos negros africanos e reformuladas no território brasileiro, uma resistência destas tradições religiosas contra as imposições dos europeus. Tal resistência ocorre pelo fato de que, embora estas religiosidades sejam em grande parte praticadas em festas católicas – religião disseminada pelo mundo por intermédio dos europeus –, os cultos afrodescendentes incorporam elementos da tradição desta religião – católica –, o que acabou por fortalecê-los. Resumindo, para manter suas práticas religiosas vivas, os elementos religiosos dos exploradores

foram agregados às práticas religiosas de seus ancestrais, reformulando-as e mantendo-as vivas, tanto de forma consciente, como inconsciente.

Uma das tentativas de se legitimar essa identidade afrodescendente, encontra-se na necessidade de se fazer uma análise mais minuciosa da história da África, fugindo assim, dos argumentos que foram, ao longo dos tempos, cristalizados nas estruturas do pensamento ocidental. Neste ponto, podemos destacar que, a Europa, visando justificar a exploração da África, criou uma série de discursos que inferiorizam a África subsaariana e seu povo.

Contudo, a luta em trazer, para as escolas brasileiras, uma história da África mais comprometida com as análises contemporâneas sobre a sua região e seu povo, revela, antes, uma luta para reafirmar a legitimidade da cultura afrodescendente dentro do território brasileiro.

A implantação da lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003, no período em que surgiu, fez-se extremamente necessária no território brasileiro, pois, embora não seja segredo que o Brasil tenha em sua gênese uma relação constante de conflitos e trocas culturais travadas entre negros, ameríndios e europeus, tocas essas que culminaram no que hoje corresponde à identidade do povo brasileiro, também não é segredo que, no processo de escrita da história do Brasil, os negros, e entre eles os afro-gays, foram marginalizados de várias formas.

Ao levarmos em consideração o contexto histórico em que o Brasil começou a construir sua própria história, nos reportamos ao século XIX onde, com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o Brasil se deparou com a necessidade de justificar perante as outras nações, criando para si a imagem de Nação civilizada, aos mundos como o termo era compreendido na Europa. Partindo deste contexto, temos os indígenas e os negros sendo considerados como inferiores aos brancos – europeus –. Os negros passaram a ser invisibilizados da história brasileira, pois, eram tidos pela ciência e filosofia da época como sendo desprovidos de inteligência e suscetíveis a barbárie (PRIORE, 2004). Tendo isso em vista, a história criada neste período, negligenciou e marginalizou a contribuição dos africanos e afrodescendentes na formação do Brasil e do povo brasileiro.

Do século XIX aos dias atuais, mesmo que na atualidade haja uma política de respeito e valorização para com os grupos diaspóricos, grande parte dos discursos criados no século XIX ainda se faz presente no imaginário da população brasileira, tanto na forma de jargões populares que inferiorizam a figura e os costumes afrodescendentes, como, também, escondidos sobre um falso moralismo muito característico dos dias de hoje.

Grande parte dos historiadores ainda resiste em escreverem uma história da África desvencilhada de temas como a escravidão e/

ou vinculadas à presença dos povos europeus na África subsaariana, fato que faz com que se fortaleça a ideia de que não havia uma África antes desses fatores (OLIVA, 2008). Com relação à perspectiva da escravidão presente na historiografia atual, por mais que na academia já existam produções mais ligadas aos paradigmas atuais, pode ser observar análises nada minuciosas e pouco comprometidas com a complexidade que tal fato possui.

Essas e outras negligências, no que diz respeito à história da África ensinada nas salas de aula e representada nos museus, ainda fazem com que uma série de estereótipos que marginalizam a figura dos africanos e seus afro-descendentes sejam fortalecidos no imaginário coletivo do povo brasileiro.

É inegável a necessidade de se trabalhar com os professores do ensino médio, museólogos e outros profissionais da memória os conteúdos a serem utilizados na escola, museus e outros espaços de memória visando sempre, a desconstrução dos conteúdos construídos sobre o prisma de uma visão eurocêntrica. Entretanto, o primeiro passo já foi dado e os frutos dessa nova empreitada, ao menos em partes, já começam a surgir – uma vez que, no ensino superior de história, já exista, também, uma disciplina obrigatória sobre o assunto, os resultados da lei 10.639 já se fazem presentes na formação dos profissionais destinados à formação escolar de crianças, jovens e adultos.

## Referências

HERNANDES, Leila Leite. O olhar Imperial e a Invenção da África; In: A África na sala de aula. São Paulo: Selo Negro, 2005.

OLIVA, Anderson Ribeiro. O Ensino da História da África em debate (uma introdução aos estudos africanos) In: HISTÓRIA e cultura afro-descendente e africana na escola. /Iradj Roberto Egghrari, coord. – Brasília: Ágere Cooperação em Advocacy, 2008.

PRIORE, Mery Del. O Berço Africano; In: Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica / organização Mary Del Priore, Renato Pinto Venâncio. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SILVA, Alberto da Costa e. O Reino de Benim; In: A enxada e a lança: a África antes dos portugueses – 3ª Ed. Revista e ampliada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

THOMPSON, Edward Paul. Introdução: costumes e cultura. In: costumes em comum. São Paulo: companhia das letras, 1998.

**Chamada para a próxima edição  
15/11/2013**

**Até 6 páginas  
Até 6 fotos  
Formato.doc**

**[revista@memorialgbt.com](mailto:revista@memorialgbt.com)**

**Acesse:**

**[www.memorialgbt.com](http://www.memorialgbt.com)**

**[revista@memorialgbt.com](mailto:revista@memorialgbt.com)**

**Envie:** Chamada para a próxima edição

**Envie:** 15/11/2013

**Envie:** Até 6 páginas

**Envie:** Até 6 fotos

**Envie:** Formato.doc

**Envie:**

**Sugestões - Textos -**

**Artigos - Ensaio - Críticas**

**Notícias - Fotos - Análises**

**Resenhas**

**revista@memorialgbt.com**

De família pobre, o pernambucano João Francisco dos Santos (1900-1976), o Madame Satã, fixou residência na Lapa, bairro boêmio e maldito do Rio de Janeiro. Em 1971, quando já figura célebre no cenário nacional, cedeu uma entrevista ao Pasquim, gerando um importante documento para a história e memória LGBT no Brasil.

## Madame Satã

“Sérgio - Mas você é homossexual?”

Sempre fui, sou e serei.”



**Entrevistado por Sergio Cabral, Paulo Francis, Millôr Fernandes, Chico Júnior, Paulo Garcez, Jaguar e Fortuna, para O Pasquim, de 05/05/1971, e republicada no livro ALTMAN, Fábio. A arte da entrevista. São Paulo: Scritta, 1995.**

A personagem da entrevista desta semana era lenda no meu tempo de menino em Botafogo. Uma espécie de gunfighter da Lapa, fechando bares e enfrentando as terríveis Polícia Especial e D.G.I. (Departamento Geral de Investigações), que enchiam de pavor quem andasse nas ruas, coisa que os garotos da época, na maioria, faziam. E havia o paradoxo aparente de homossexualismo de Madame Satã. Aparente, sim, porque e Julio César, Alexandre o Grande, ou, próximo de nós, Heydrich e Goering? Pensar que violência é característica heterossexual não passa de balela primitiva.

SATÃ nos impressionou bastante, porque é um tipo completamente fora do nosso âmbito de experiência. Todos nós duvidamos de tudo, inclusive de nós mesmos. Convertemos nossos superegos em catedrais em que nos ajoelhamos e pedimos perdão a nós mesmos, sem resultado. Satã tem certeza das coisas que faz. Eu disse, na entrevista, que ele me parece literatura, à parte mais sofisticado e legítimo do que Jean Genet (o que Sartre escreveria sobre ele, fico pensando). Não esconde o jogo. Se aceita como é. Há coisa mais difícil? Pra nós (um mítico nós e todos, bem entendido, mas os incluídos se reconhecerão) impossível.

Eu diria mais: que Satã representa a verdadeira contracultura brasileira, que essa que aí está, apesar de seus valores intrínsecos e universais, nos foi imposta de fora pra dentro, o que às vezes é bom, outras, não. Já Satã emergiu deste asfalto, deste clima, deste ragu cultural brasileiro, que tentamos negar inutilmente, mas que, tal qual o rio do poema de Eliot, é um deus primitivo, capaz de adormecer, apenas e sempre vivo, vingativo e traiçoeiro. A sociedade urbana, de consumo, aqui, é puro verniz, descascando visivelmente. Outras forças, suprimidas, estão aí, poderosamente latentes, acumulando impacto.

A inocência de Satã das coisas da moda elitista, de modelos de raciocínio, é completa. Mas nenhum de nós se sentiu tentado a ironizá-lo. Não por medo. Ele é bem mais educado do que a maioria dos grã-finos que conheço (um bom número, acrescento). Foi por respeito. Sentimos uma personalidade realizada. Quantos de nós podem dizer a mesma coisa? Nesse mundinho de classe média pra cima, que muita gente boa (tradução poderosa) imagina ser o Brasil, e que é, no duro, uma ínfima e arrogante minoria, pouco existe de igual em termos de tipo. Quem vai prevalecer? Não percam o próximo e emocionante capítulo.

(Paulo Francis)

\* \* \*

Sérgio - Quantos anos você esteve preso?

**Ao todo eu tirei 27 anos e oito meses.**

Sérgio – E há quantos anos você está liberdade

**Há seis anos. Saí no dia 3 de maio, há seis anos.**

Sérgio – Mas você continua morando na Ilha Grande.

**Continuo morando na Ilha Grande porque eu achei que é um lugar onde eu posso viver mais sossegado, mais descansado das perseguições da polícia e mesmo da vida agitada que eu levava.**

Millôr - Que idade você tem?

**Tenho 71 anos de idade.**

Sérgio - Com essa cara?! É verdade que você tem mãe viva, ainda?

**Tenho sim, está com 103 anos e mora no interior de Pernambuco.**

Millôr - Você é pernambucano?

**Sou.**

**“NÃO, A BALA FEZ O  
BURACO. QUEM MATOU  
FOI DEUS.”**

Millôr - Você está no Rio há quantos anos?

**Eu cheguei no Rio em 1907 e fui morar na rua Moraes e Vale, 27, ali no largo da Lapa.**

Millôr - E que profissão você exercia?

**Eu sempre fui cozinheiro. Até 1923 eu fui cozinheiro. Em 1924 eu ingressei na Casa de Caboclo.**

Millôr - Que nível de instrução você tem?

**Sou analfabeto de pai e mãe.**

Millôr - Pelos seus amigos você é chamado como? De Madame Satã ou é chamado pelo seu próprio nome?

**De Satã.**

Millôr - Como é seu nome todo?

**Meu nome todo é João Francisco dos Santos, sou filho de Manoel Francisco dos Santos e Firmina Teresa da Conceição.**

Millôr - Você tem consciência de que você é uma figura mitológica no Rio de Janeiro?

**É o que diz a sociedade, não é? Só que tem que eu sou anti-social.**

Millôr - Você sabe que nós aqui fazemos um jornal que é marginal. De modo que o fato de você ter uma vida um pouco à margem da sociedade só faz com que nós tenhamos uma grande emoção em falar com você. Agora, você ficou famoso na mitologia carioca, na lenda do Rio, porque você foi um homem que dominou a vida da Lapa, pelo menos esta vida de uma certa margem da sociedade do Rio, e você era famoso por ser o homossexual mais macho que já houve na história do Rio.

**Isso é o que diz a história, né?**

Sérgio - Mas você é homossexual?

**Sempre fui, sou e serei.**

Millôr - De onde vem a sua fama de extraordinária masculinidade? Eu sei que foi através de inúmeras brigas. Conte alguma coisa.

**Eu comecei em 1928. Deram um tiro em um guarda civil na esquina da rua do Lavradio com a avenida Mem de Sá e mataram, né. Eu estava dentro do botequinzinho e disseram que fui eu. Então fui preso. Eu tinha 28 anos. Aí eu fui para o Depósito de Presos e daí para a Penitenciária e fui condenado a 26 anos. Na penitenciária, não. Na Casa de Correção.**

Fonte: [www.agencialgbt.com.br](http://www.agencialgbt.com.br)

Millôr - Segundo você, injustamente.

**Injustamente.**

Sérgio - Mas você não deu o tiro no guarda?

**Não, o revólver é que disparou na minha mão. Casualmente.**

Sérgio - Foi a bala que matou?

**Não, a bala fez o buraco. Quem matou foi Deus.**

Sérgio - Balas que saíram do seu revólver mataram quantos?

**Bala que saiu do meu revólver só matou esse porque os outros era a polícia que matava e dizia que era eu.**

Sérgio - Mas você usava muito era a navalha, né?

**Às vezes, não era sempre não.**



Chico - Eu ouvi dizer que você matou um com um soco.

Não, eu fui acusado de ter matado o falecido compositor Geraldo Pereira com um soco. Mas o caso foi o seguinte: eu entrei no Capela e estava sentado tomando um chope. Ele chegou com uma amante dele (ainda vive essa mulher), pediu dois chopos e sentou ao meu lado. Aí tomou uns goles do chope dele e cismou que eu tinha que tomar o chope dele e ele tinha que tomar o meu. Ele pegou o meu copo e eu disse pra ele: olha, esse copo é meu. Aí ele achou que aquele copo era dele e não era o meu. Então eu peguei meu copo e levei para a minha mesa. Aí ele levantou e chamou pra briga. Disse uma porção de desaforos, uma porção de palavras obscenas, eu não sei nem dizer essas coisas. Aí eu perdi a paciência, dei um soco nele, ele caiu com a cabeça no meio-fio e morreu. Mas ele morreu por desleixo do médico, porque foi para a assistência vivo.

Sérgio - Teve uma vez que você deu uma navalhada na traseira de um sargento. Como é que foi essa história?

Eu não dei navalhada na traseira do sargento não. Eu estava sentado ali no Canaã e entrou um sargento do Exército e me deu seis tiros. Não me conhecia, não sabia quem era eu, eu nunca tinha visto ele, não avisou nem nada, de uma mesa pra outra. Quando ele acabou de dar o último tiro guardou a Mauser e saiu pela porta afora. Eu olhei prum lado e olhei pro outro, não vi sangue e falei: bem, então eu estou vivo. E saí correndo atrás dele. Quando estava subindo ali a rua Taylor, parece que ele passou por uma cerca de arame farpado, sei lá, e se rasgou todo. Eu sei que ele levou quarenta e poucos pontos.

Millôr - Você ainda briga hoje, ainda tem energia?

**Brigar eu não brigo porque eu nunca briguei, mas na minha casa a gente come o que Deus dá e o que faltar Nossa Senhora inteira.**

Chico - Satã, você respondeu a quantos processos?

**Eu tenho 29 processos, sendo 19 absolvições e 10 condenações.**

Chico - E quantos homicídios?

Três.

*“Eu era caçador.”*

Chico - E agressões?

**Ah, meu filho, somente nove.**

Millôr - Em quantas brigas você calcula que tenha entrado?

Ah, que eu não fui preso, deve ter umas três mil. Eu gostava da briga. Eu nunca briguei com paisano na minha vida. Essa mania da polícia chegar, bater e começar a fazer covardia, eu levantava e pedia a eles pra não fazer isso. Afinal de contas, se o sujeito estiver errado, eles prendam, botem na cadeia, processem, tá certo. Agora, bater no meio da rua fica ridículo. Afinal nós somos seres humanos. Eles achavam que eu estava conspirando contra eles, então já viu, né.

Millôr - Quer dizer que você tinha raiva da opressão policial.

**Sempre tive e morro com ela.**

Sérgio - Satã, me diga uma coisa: essa história de que você pegava garoto à força é verdadeira?

**É coisa que eu nunca fiz na minha vida, porque era coisa que não precisava fazer. O senhor deve entender, o senhor que é da vida moderna, sabe muito bem que isso é uma coisa que não se precisa pegar ninguém à força.**

Sérgio - Eu sempre ouvi falar, desde garotinho, quando eu ia passear na Lapa e falavam comigo: cuidado que o Madame Satã vai te pegar.

**Conversa fiada, eu não era tão tarado assim.**

Millôr - A Lapa foi durante muito tempo um centro de boemia. Você conheceu gente famosa, além dos marginais?

**Fui amicíssimo do Chico Alves, fiz muitas serenatas com ele, Noel Rosa, Orlando Silva, Vicente Celestino.**

Chico - Quem é que te deu esse apelido de Madame Satã?

**Esse apelido de Madame Satã ganhei em 1938, no Bloco Caçador de Veados, depois passou para Caçador da Floresta e morreu com esse nome. Depois nasceu como Turunas de Monte Alegre.**

Sérgio - Mas você era caçado ou caçador?

**Eu era caçador.**

Chico - Mas conta a história do apelido.

**Bem, havia o baile de carnaval e o concurso. Então eu me exibi com a fantasia de Madame Satã no Teatro da República e ganhei o primeiro lugar. Ganhei um tapete de mesa e um rádio Emerson, feito um balezinho, ele abria do lado, assim, feito uma portinha. O último ano que eu desfilei foi em 1941. Eu estava preso, mas anulei um processo e vim passar o carnaval na rua. Desfilei com a Dama de Vermelho.**

Sérgio - O que que você acha do Clóvis Bornay?

**Eu vou te explicar uma coisa: eu não tenho o que dizer dessas bichas velhas, não.**

Chico - Ainda agora nós estávamos conversando sobre Osvaldo Nunes. É verdade que ele briga bem?

**Eu conheci o Osvaldo Nunes, mas ele não era cantor ainda. Mas eu não acho que ele brigue bem, não. De quando em quando eu fico sabendo dos escândalos que eles fazem por aí. Eu acho que do jeito que eles brigam não é briga, é escândalo.**

Millôr - O Osvaldo Nunes declara publicamente que o homossexualismo dele veio através da prisão. Ele teria sido preso e foi violentado.

**Conversa fiada, é mentira. É mentira porque na cadeia ninguém faz isso no peito. Tirei 27 anos e oito meses de cadeia e nunca vi ninguém fazer isso no peito. Fazem por livre e espontânea vontade porque querem fazer. Quando eu fui para a cadeia já era pederasta, já era viciado, nunca fiz isso no peito.**

Millôr - Peraí, você está chamando isso de viciado? Eu não chamo de viciado não. Você está dando outro nome.

**Eu não desdigo o que digo, mas para uma parte é.**

Jaguar - Nesse negócio de prisão, o Lucena tá me falando aí, que todo criminoso primário tem que entrar em pua. É verdade isso?

**Isso é conversa fiada.**

Chico - E a história do xerife? O garoto novo entra na cela e o xerife, ó.

**Houve a história do xerife.**

Paulo Garcez – O Paulo Francis foi o nosso xerife.

**Mesmo no tempo do xerife só se viciava quem queria. O sujeito chegava lá, filho de papai e mamãe, tinha o olho grande, apanhava o cigarro do chefe do alojamento, comia a comida do chefe do alojamento porque queria comer uma comidinha melhor, queria dormir na manta do chefe do alojamento, queria tomar banho com o sabão do chefe do alojamento, ora ...**

Millôr - Alguma vez você já foi violentamente apaixonado? Você já foi casado no sentido homossexual?

**Não, eu nunca fui dessas coisas não, esse negócio de amiguinho, casamento. Nunca fui porque sempre achei feio, achava ridículo. Esse negócio de andar apaixonado, de fazer escândalo no meio da rua, isso é pouca vergonha.**

Millôr - E com mulher, você é casado?

**Sou casado. Tenho seis filhos de criação.**

Chico - Esse seu passado não influenciou na sua relação com a sua mulher? Como é que ela encara o seu passado?

**Se ela não quiser encarar, ela que se suicide. O que é que eu tenho com isso? Quando ela me conheceu já sabia minha vida, casou comigo porque quis casar.**

Millôr - Você casou com que idade?

**Casei com 34 anos.**

**“Eu morro com 84 anos.”**

Millôr - E está com a mesma mulher até hoje?

**A mesma mulher.**

Sérgio - Você disse que foi amigo do Francisco Alves . O que você achava dele?

**O Chico Alves pra mim foi uma grande pessoa, não só como cantor, mas também como companheiro de farra e como amigo.**

Sérgio - E Noel Rosa, era bom sujeito?

**Noel Rosa já desceu de Vila Isabel como um bom sujeito, pelo menos como cantor e como companheiro.**

Jaguar - Você conheceu a Araci de Almeida?

**Araci de Almeida eu conheci menina, ainda, quando ela começou a gravar as músicas de Noel Rosa. Pra mim foi uma grande amiga e uma grande companheira. Era o meu tipo, o tipo assim que quando se queimava já viu, né.**

Millôr - Nessas suas prisões qual foi o criminoso mais bárbaro que você conheceu?

**O criminoso mais bárbaro que eu conheci na cadeia foi o falecido Feliciano.**

Sérgio - O que é que ele fez?

**Me parece que o crime dele foi em 1945 ou 1946. Ele tinha matado o sogro e botado fogo. Na cadeia, quase todo o ano ele matava dois. O último que ele matou foi o Gregório.**

Millôr - Ah, ele é o tal que matou o Gregório. E você conheceu o Gregório?

**Eu conhecia o Gregório desde o tempo de São Borja.**

Sérgio - E o que você foi fazer lá?

**Eu era muito amigo da família Mostardero, do Rio Grande do Sul, o capitão Manoel Mostardero, que veio ser diretor da penitenciária várias vezes, e eu ia sempre lá passear. O Gregório era cocheiro do pai do falecido Getúlio.**

Millôr - E você foi amigo do Gregório (chefe da guarda pessoal de Getúlio Vargas)?

**Amicíssimo, ele morreu nos meus braços. Eu estava a uns 15 metros quando ele levou a facada.**

Millôr - Você quer contar a história?

**O que eu sei é a legítima história, a verdadeira. Isso eu sei porque na época eu estava sumariando, porque tinha muito processo, e muitas vezes eu descia da Colônia para a penitenciária e trouxe muito bilhete do Feliciano para o Gregório e levei muita roupa e muito dinheiro para o Feliciano na Colônia. Mas a história é a seguinte: entrou em cana um rapazinho lá de São Borja, muito amigo do Gregório. Trabalhava na rouparia com o falecido Gregório, mas um dia o rapazinho brigou no pátio e foi para a Colônia, de castigo.**

Sérgio - Frota Aguiar, que é o presidente do IPEG hoje?

Por mim ele pode ser até presidente da República. Ele vivia me perseguindo. Um dia eu telefonei para ele e disse que era mentira. Ele disse que não era, que ia me dar um pau e me mandar pra cadeia. Então, eu disse pra ele: bem, eu vou falar com o senhor, já sabe que eu vou quebrar a sua cara. Aí eu fui.

Sérgio - E como é que foi?

Quebrei a cara dele e me deram uma surra que quase que me mataram, mas quebrei a cara dele. Ele ia me bater na minha casa, eu já estava lá, lá mesmo apanhava.

Sérgio - Está me chamando atenção uma coisa: você não sabia capoeira, nenhuma luta especial e no entanto você brigava contra rádio-patrulhas?

**Eu não brigava, eu me defendia.**

Sérgio - Mas você se defendia contra vários e no entanto você não é nenhum atleta. Você tem que altura?

**Eu devo ter 1,85m, mais ou menos.**

Sérgio - E quanto que você pesa?

**Agora eu devo estar pesando 73 quilos.**

Sérgio - Pois é, você não é um físico privilegiado

**Naquela época eu pesava 88,89.**

Millôr - Você acha que você tem o corpo fechado?

**Bom, eu não tenho corpo aberto. Se eu tivesse corpo aberto eu estava fedendo. Fechado eu tenho que ter.**

Millôr - Por que você se fixou na idade de 84 anos?

**Pode anotar aí. Se o senhor não estiver vivo, talvez seus filhos estejam. Deixe gravado aí porque eu vou morrer com 84 anos.**

Millôr - Você disse que é analfabeto. Mas eu queria saber qual é o tipo de informação que você tem a respeito das coisas. Você está sempre a par da política nacional? Você sabe, por exemplo, quem é o presidente da República? Quem é Aristóteles Onassis, casado com a Jacqueline Kennedy?

**Eu sei que ele é a primeira fortuna dos Estados Unidos. Agora, o que ele é eu não sei.**

Millôr - Charles de Gaulle, você sabe quem é?

**Foi durante muitos anos o primeiro-ministro da França, não é?**

Millôr - Você sabe o que é um avião supersônico?

*“O governador Carlos Lacerda? Eu conheci muito o falecido pai dele, conheci menino ainda. O Carlos passeava sempre na Lapa quando era rapazinho.”*

**Eu não sei explicar muito bem, não.**

Millôr - Eu acho que ninguém aqui sabe.

Jaguar - Quando Nelson Cavaquinho foi da polícia, ele nunca te prendeu, não?

**Nunca. Nelson Cavaquinho é muito meu amigo, sempre foi.**

Jaguar - Mas ele não era civil.

**Mas era muito meu amigo.**

Millôr - Pra você saber como você é um homem glorioso na história do Rio de Janeiro, eu já escrevi um show musical em que tinha um quadro em que você entrava. Você brigava na Lapa com uma rádio-patrolha inteira, eles não tinham maneira de prender você. De repente eles empurram você em cima de um carrinho-de-mão, te amarram e saem no pau com você no carrinho-de-mão amarrado. Isso nunca aconteceu, não?

**Aconteceu quase igual. Antes de vir a Viúva Alegre eu saí muitas vezes num carrinho-de-mão amarrado.**

Millôr - Que coisa impressionante! Eu não sabia disso.

Fortuna - O que era a Viúva Alegre e por que tinha esse nome?

**A Viúva Alegre era um carro de polícia assim como esses jipes, mas não era bacana assim. Era um tipo de viúva bem mixa. Era um tipo de jipe com grade em volta era pintado de preto. Depois é que veio o tintureiro.**

Millôr - E os seus filhos e a sua mulher?

**Eu tenho uma filha que é professora de acordeão e funcionária pública do Ministério da Justiça. Tenho outro que mora em Nova Iguaçu e é delegado de Polícia.**

Millôr - Delegado?

**É. Tenho outro que é soldado da polícia e tem uma que mora em Belém do Pará.**

Chico - São filhos de criação, não é?

**São.**

Millôr - Você não ganha ordenado?

**Não, eu tenho ordenado. Eu crio galinha, crio pato, dou peixadas, cozinho em festas de casamento, faço tudo.**

Millôr - Você não cobra um preço por isso?

**Eu cobro, mas não é todo dia que se encontra um casamento, né?**

Sérgio - Se alguém quiser utilizar os seus serviços o que faz? Se uma família quiser que você

faça uma peixada, como é que faz?

**É só escrever: Ilha Grande, Vila Abraão, Madame Satã.**

Millôr - Apesar de toda luta que você teve na vida, se você tiver que dizer alguma coisa sobre a sua vida você vai dizer que você foi um homem feliz?

**Eu fui sempre um homem muito feliz porque, graças a Deus, eu fui sempre um sujeito de muita saúde.**

Francis - Talvez você não conheça a pessoa, mas é um grande elogio. Você é muito mais autêntico e muito mais sofisticado do que Jean Genet. Você conheceu um homem chamado Fra de Ávalo?

**Não.**

Sérgio - E Manuel Bandeira?

**Manuel Bandeira?**

Sérgio - Morava no beco.

**No Beco das Carmelitas?**

Sérgio - É

**Não, assim de nome, não.**

Sérgio - E Carlos Lacerda?

**O governador Carlos Lacerda? Eu conheci muito o falecido pai dele, conheci menino ainda. O Carlos passeava sempre na Lapa quando era rapazi-  
nho.**



Fonte: [www.agencialgbt.com.br](http://www.agencialgbt.com.br)

Millôr - Odilo Costa Filho?

**Não, eu conheci um Odilo que hoje é major da polícia.**

Millôr - Mário de Andrade?

**O Mário de Andrade que eu conheci era bicheiro.**

Millôr - Você conheceu algum jornalista, intelectual, escritor, daquele tempo?

**O jornalista que eu conheci lá foi o falecido Mário dos Santos e um tal de Macedo.**

Chico - Satã, você respondeu os seus processos sob vários nomes. Quantos nomes você tem?

**Acho que uns cinco só. Gilvan Vasconcelos Dutra, Satã Etambatajá.**

Millôr - É francês?

**Etambatajá não é francês não, é indígena. Tem ainda Gilvan da Silva e Pedro Filismino. Quando um nome tava muito cheio de processo eu dava outro.**

Millôr - Você conheceu um cara famosíssimo na vida marginal, o Meneghetti?

**O Meneghetti não era marginal, era ladrão de jóias. Eu tirei cana dura com ele em São Paulo. Ainda até pouco tempo ele estava recolhendo dinheiro para pagar a passagem dele para a Itália. Ele podia dar um curso de ladroagem, foi um dos maiores ladrões de jóias. Ele e o Alexandre Lacombe.**

*“Para mim o Getúlio Vargas foi um dos homens que mais favoreceram a classe pobre do Brasil e que mais aniquilou o país.”*

Millôr - Você ouviu falar no Febrônio?

**Índio Febrônio do Brasil**

Sérgio - Como é que é? Febrônio Índio do Brasil?

**Não, Índio Febrônio do Brasil.**

Millôr - Peraí, vamos esclarecer. Ele pegou garotos, esses troços?

**Quando ele praticou aqueles crimes ele morava na avenida Gomes Freire, 115. Ele era dentista. Eu me dava muito bem com ele.**

Millôr - Qual foi o crime dele?

**Parece que ele matou uns dez ou 12 garotos. Ele matava, enterrava, depois ficava comendo até apodrecer. Quando apodrecia, ele matava outro. Foi para o Manicômio Judiciário.**

Francis - Você conheceu um rapaz, eu não sei o nome dele todo, mas eu jogava sinuca muito com ele, malandro muito perigoso. Eu só me lembro do primeiro nome dele: Pedrinho. Sei que ele pegou uma cana feroz.

**O Pedrinho do Catete, eu me dava muito com ele.**

Francis - Onde é que ele está, hein?

**Eu não sei porque a última cadeia que ele tirou foi na Colônia Penal Cândido Mendes. Depois que ele saiu nunca mais eu vi.**

Francis - Ele quis ser meu guarda-costas, uma vez.

Sérgio - E aqueles malandros famosos na Lapa, o Edgar, o Meia-Noite?

**O Meia-noite não era propriamente valente. Valente era o fantoche dele, o falecido Tinguá.**

Sérgio - O Meia-Noite era bicha?

O Meia-Noite era caso do falecido Tinguá, sempre foi. O Edgarzinho foi um farol que acendeu e apagou logo em seguida. Agora, quem durou mais um pouco foi o Miguelzinho. O Edgar morreu com 26 anos. Fez o primeiro crime ali na rua do Riachuelo, matou o dono do botequim. Foi absolvido porque era menor e logo em seguida fez o segundo crime na rua do Santana. Matou o dono do botequim e o garçom.

.Sérgio - E desses compositores: Wilson Batista, Ismael Silva e tal, você conheceu?

Wilson Batista eu tive uma briga com ele muito grande quando ele desceu lá do morro com aquela disputa com Noel Rosa. Foi outra briga que eu tive. Foi ali na Galeria Cruzeiro, ele saiu correndo por ali. Foi quando ele tirou aquele samba "Rapaz Folgado", pro Noel.

Sérgio - E o Ismael Silva?

Ismael Silva preto? Ele estava sempre ali na Lapa. Era bom sujeito só que quando bebia muito ficava chato.

Francis - E os cabarés?

Cabarés tinham muitos. Tinha o da Anita Gagliano, o Cu da Mãe. Sabe ali na esquina onde tem o Metro? Tinha o Bar-Cabará Cu da Mãe, de Anita Gagliano.

Chico - Mas esse nome era escrito?

Era escrito. Tinha uma placa luminosa grande.

Sérgio - Daria pra você dar a receita de um prato que você goste de fazer?

Eu gosto de fazer uma peixada de coco, um peixe com banana. O peixe ao leite de coco é assim: o peixe é cavala, é anchova, badejo, robalo, que na minha terra chama-se camurim.

Jaguar - Pra fazer um prato pra seis pessoas, por exemplo, que quantidade de peixe precisa?

Pega-se uns dois quilos de badejo, por exemplo, que não seja a parte com cabeça porque a cabeça do peixe é uma das partes principais para o tempero do peixe. Então, se pega: cheiro, cebolinha, hortelã, tudo bem picadinho. Depois se pega o peixe, bota numa panela, coloca-se um pouco de vinagre, o tempero completo, cebola, alho, sal e se deixa uma meia hora no aviandinho. Depois se bota ele no fogo com um pouco de azeite e coloca um pouco de água mais ou menos cobrindo o peixe. Aí se bota massa de tomate ou tomate. Se quiser branco não se põe tomate. Quando ele está fervendo, que se nota bem que o peixe está cozido, se escorre aquela água. Com aquela água se faz o pirão. Se faz o pirão e se mexe com azeite português, um azeite bom. Depois se deita o peixe no prato, deixa o prato colocado ali perto do fogo e se faz novo tempero. Quando aquele novo tempero estiver fervendo, então se coloca o leite de coco. De preferência o coco raspado e não ralado.

Jaguar - No liquidificador?

É isso mesmo. Eu não entendo bem essas coisas, essa linguagem assim é difícil de eu dizer. Então, a gente pega uma colher e se raspa o coco. É assim que eu faço, dá muito

bem pra se raspar. Depois se põe um pouquinho d'água fervendo naquele coco e machuca ele bem com as mãos, bem amassadinho. Depois se escorre aquele copo de leite e se coloca em cima do peixe. Logo que abrir a fervura, se tira e se coloca o tempero em cima e abafa. Está pronto o peixe ao leite de coco.

Jaguar - E faz um arrozinho pra acompanhar, não é?

Ah, faz um arrozinho. Agora, se quiser fazer o arroz com leite de coco também pode. De preferência nunca se deve fazer o arroz branco. Eu, pelo menos, não gosto de arroz branco e considero comida de hospital. Eu gosto de um arrozinho corado, mas não tão vermelho.

Sérgio - Qual foi pra você o maior malandro do Rio de Janeiro?

O maior malandro do Rio de Janeiro que eu conheci de 1907 até a época de hoje foi o que me ensinou a ser malandro e me conheceu com 9 anos de idade, foi o falecido Sete Coroas, que morreu em 1923. Quando ele morreu já me deixou como substituto dele, na Saúde e na Lapa.

Garcez - E o Brancura?

O Brancura nunca foi malandro em negócio de briga. O negócio dele era cafetizar escrava branca.

Garcez - E o Baiaco?

O negócio dele também era escrava branca. Quando ele estava no auge dele, teve dez mulheres.

Garcez - O Sete Coroas vivia de quê?

Ele chegou da Bahia em 1928 no Rio de Janeiro. Veio viver aqui na Lapa, na Ladeira de Santa Teresa, encostado nos Arcos. Depois ele mudou para Saúde e vivia do nome, porque ele barbarizou muito na Bahia e já veio pra aqui com o nome grande. Aqui ele juntou-se com a falecida Catita do 34, na Joaquim Silva, e criou nome.

Fortuna - O que você vai comer?

Eu quero um bife mal passado com cebola crua e uma Caracu. Sempre foi a minha comida durante quarenta anos de malandragem. Uma vez eu tomei um porre de Caracu, foi o maior porre que eu tomei na minha vida. Tomei uma caixa de Caracu de manhã cedinho e depois não chamava nem cachorro. Se vocês quiserem vocês podem dar o prazer de almoçar na minha casa. Na minha casa não, porque pobre não tem casa. Na minha maloca. Eu vou fazer um pato ao molho pardo pra vocês lá na Ilha Grande.

Jaguar - É uma boa dica.

O Nelson Pereira dos Santos me levou num tal de Saracura, um restaurante ali no posto 4, que tem comida do Norte, eu comi um pato no tucupi que pelo amor de Deus. De pato só tem o nome e de tucupi só tinha água.

*Chega na nossa mesa o Lido, da Lapa, que vende bilhetes de loterias há cinqüenta anos, na Lapa. Começou vendendo na porta do Capela. Conhece muito o Satã, que pergunta qual era o apelido da Araci de Almeida.*

Lido - Bituca.

*Satã reclama da comida e chama o garçom.*

**Vem cá, eu pedi um bife, não um pedaço de sola. Você sabe que eu sou freguês do Capela há mais de quarenta anos.**

*O garçom leva o bife dele e traz outro.*

**Agora sim, é um bife.**

Chico - Você conheceu ou viu o Getúlio?

**Vi, falei, conheci por causa da amizade que eu tinha com o Gregório.**

Chico - E o que você diz dele?

**Para mim o Getúlio Vargas foi um dos homens que mais favoreceram a classe pobre do Brasil e que mais aniquilou o país.**

Garcez - Você conheceu o Prestes nessa época de cadeia?

**General Luís Carlos Prestes? Eu tirei cadeia com ele na Casa de Correção. Ele, Elias Toras e doutor Belmiro Valverde. O Prestes foi um grande companheiro e as regalias dele eram as mesmas que as minhas. O direito que ele tinha eu tinha.**

Jaguar - Quais outros presos políticos que estiveram em sua companhia?

**No meu tempo teve esse menino, o Agildo Barata, um engenheiro não sei o que Pinto, o Graciliano Ramos.**

Jaguar - Diz alguma coisa sobre o Graciliano Ramos.

**Isso é meio difícil, porque ele era preso político e eu era preso comum.**

Jaguar - Eles eram bem tratados?

**Os presos políticos do Brasil, na época de Getúlio Vargas, sempre foram bem tratados e muito bem acolhidos.**

Fortuna - Bem acolhidos não há a menor dúvida.

Millôr - Você conheceu o Manso de Paiva, que assassinou o Pinheiro Machado?

**Conheci na Casa de Correção. Foi um bom detento, nunca deu alteração. Ele tirou 19 anos de cadeia dentro da cela número 2 da Casa de Correção.**

Jaguar - Era manso, mesmo.

Fortuna - Qual é a sua concepção da Lapa de hoje?

**Olha, enquanto eu for vivo a Lapa não morrerá.**

*Fim*

*“Olha, enquanto eu for vivo a Lapa não morrerá.”*

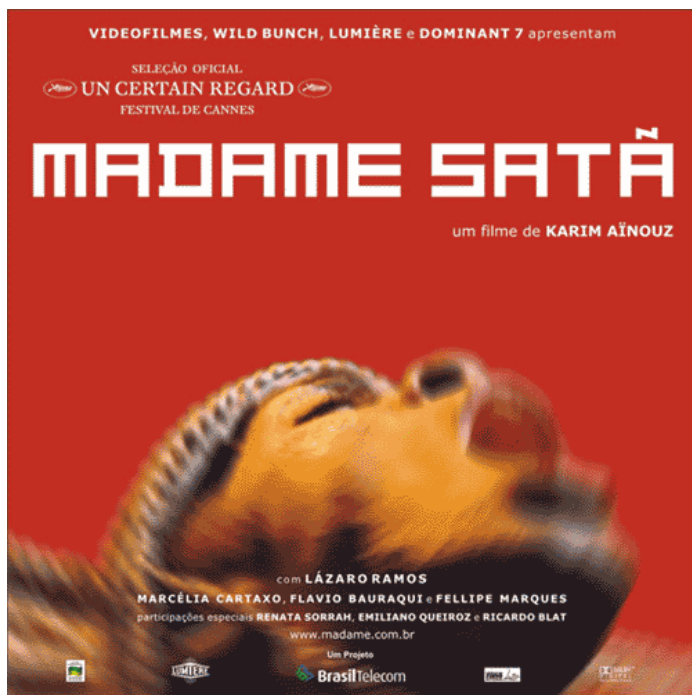
# Livros



+ **O Rei da Lapa: Madame Satã e a Malandragem Carioca**  
Autor: Gilmar Rocha

+ **As múltiplas faces de Madame Satã: estéticas e políticas do corpo**  
Autor: Geisa Rodrigues

# Cinema



# Teatro



# E os Museus?



**REDE LGBT DE**

**MEMÓRIA E**

**MUSEOLOGIA SOCIAL**

**[redelgbt@gmail.com](mailto:redelgbt@gmail.com)**

**<http://redelgbtmemoriamuseologia.blogspot.com.br>**

**A Rede LGBT de Memória e Museologia Social foi criada no dia 22 de novembro de 2012 durante o V Fórum Nacional de Museus na cidade de Petrópolis-RJ . Tal iniciativa tem como objetivo de mapear, identificar, registrar, salvaguardar, fomentar, promover, comunicar a memória e a história da comunidade LGBT.**

## Transgredindo Gênero: A Travesti entre a urbe e o espaço social



O relato a seguir é de uma experiência que ultrapassa os limites individuais, apesar de dizer muito sobre as personagens que nela se envolveram, como aliás não poderia deixar de ser. Transgredindo Gênero: A Travesti entre a urbe e o espaço social é uma iniciativa surgida no contexto das obrigações acadêmicas, quando em 2012 foi demandado aos estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto matriculados na disciplina Museografia I que elaborassem um projeto de exposição, individual e autoral, com total liberdade de criação, mas com larga exigência de detalhamento técnico e estrutural. Esses foram os impulsionadores do desenvolvimento de um projeto passível de ser realizado, e que embora tenha passado por diversas etapas, está a cada dia mais próximo de sua concretização.

Transgredindo Gênero: A Travesti entre a urbe e o espaço social nasceu com a intenção de romper as duras barreiras formadas pelo desconhecimento das tra

vestis enquanto categoria social. Desconhecimento esse que muito contribui para a repulsa, pela indiferença, pela discriminatória classificação no plano do exótico e sobremaneira para que se naturalize a violência.

No Brasil não temos uma coleta oficial de dados sobre a violência contra pessoas trans. O papel desse levantamento de números assustadoramente altos tem ficado a cargo de iniciativas de ONGs como o Grupo Gay da Bahia, que através de notícias e informantes em diversas regiões, contabiliza os homicídios de pessoas trans e da população LGBT em geral. A grande maioria dos assassinatos indica a transfobia como motivadora do crime. Longe de ser mascarada, a violência contra pessoas trans não ocorre apenas em situações extremas com casos de morte como desfecho, mas é naturalizada no cotidiano, em cada direito suspenso, seja à saúde, à educação ou ao mercado de trabalho, em cada sátira televisiva, em cada representação exagerada, em cada erro de tratamento.

A patologização do diferente era procedimento tido como normal nos séculos XIX e início do XX. O parâmetro de medida dessa normalidade era imposto através de regras, que não deveriam ser contornadas, pois isso caracterizaria o desvio. Esse cenário segue como hegemônico até pelo menos a segunda metade do século XX, quando as

Ciências Sociais, progressivamente substituem a noção do desvio pela compreensão da diferença. A Sociologia do desvio possibilitada pelas contribuições de Howard Becker e os questionamentos de estruturas teóricas feitos por outros pesquisadores, trazem uma perspectiva diferente de pensar o outro e sua diferença.

E a diferença das travestis é plural. Não podemos classificar travestis como integrantes de uma categoria única, já que categorias são construções sociais, e também porque cada indivíduo se utiliza de diversas categorias em seu cotidiano para definir quem é. A travesti pode ser gay, pode ser hétero, pode se defender através de definições médicas – pois essas geralmente encontram maior legitimidade no meio social –, ou pode até mesmo se declarar como transexual, na tentativa de ser melhor aceita e diminuir seus julgamentos. Não podemos esquecer, que para além desses elementos, a construção da identidade da travesti depende de outras categorias tais como classe e raça.

A opção de recorte de abordagem das travestis e não a representação das pessoas trans de maneira mais abrangente, se referencia na própria representação social dessas personagens. Não se intenciona setorizar travestis e transexuais ou gerar hierarquias. Tanto travestis quanto transexuais

estarão representadas em Transgredindo Gênero, no entanto a protagonização das travestis se dá à medida em que socialmente, criamos imagens que circundam as duas categorias gerando uma visão das transexuais como “mais mulheres”, ou “mais femininas”, em relação às travestis. A ambiguidade presente nas travestis não raro é vista como falha moral, confusão e falta de definição. Por vezes, a construção identitária das pessoas trans passa por essa tendência à vitimização das pessoas transexuais – fato que a categoria tenta se desvencilhar – e reforço da marginalização das travestis.

[1] Desfazendo Gênero: Neste primeiro módulo, o visitante será convidado à repensar o ideário binário de gênero – masculino ou feminino – forjado desde a infância, reforçado nas escolas e pela sociedade. Junto a este pensamento, nascem as limitações da sexualidade, que também pretende-se expandir tratando de suas diversas possibilidades.

[2] A Pista: No segundo módulo, A pista, se propõe a ambientação de um ambiente urbano, o da rua durante a noite. A cenografia pretende transmitir ao visitante o sentido de insegurança e um ligeiro desconforto. A



## 29 de Janeiro Dia Nacional da Visibilidade de Travestis e Transexuais

Transgredindo Gênero: a travesti entre a urbe o espaço social ainda é um projeto piloto, tendo sido pensado como uma exposição conceito, que pretende usar múltiplos suportes, tais como cenográficos, plásticos e audiovisuais para representar o universo plural das travestis, como presente na ordem do cotidiano, para além do exotismo e das pré determinações. A mostra foi organizada em três módulos sendo:

intenção é que se possa perceber que a exclusão, o estigmatismo, e sobretudo o desconhecimento que a sociedade em geral concede às travestis as transforma em uma população vulnerável, longe da escola, das oportu-

nidades igualitárias no mercado de trabalho e do sistema público de saúde, a maioria das travestis recorre às ruas, por mais violentas e hostis que possam parecer. No fim do percurso cenográfico, entretanto, estará representada uma casa, em grande contraste com a insegurança e isolamento que a rua pode manifestar. Permeados por essa ambientação, pretende-se dispor outros elementos e obras que suportem o discurso de que o

respeito e a concessão de direitos fazem toda a diferença para a diferença.

[3] Orgulho: Esse último módulo pretende destacar campanhas de luta pelo respeito e pela visibilidade trans, dando ênfase à militantes, líderes e travestis emblemáticas

Uma vez pronta a proposta de exposição, de nada valeria se ela não contivesse a voz de suas representadas, se não fossem elas que orientassem a visão sobre si mesmas. Portanto, os caminhos pelos quais segue o projeto é pela desestruturação e reconstrução dos alicerces dessa ideia, agora de forma colaborativa com articulações de travestis e transgêneros, órgãos de militância trans e através de entrevistas informais com personagens do universo trans. É importante dizer que nessa fase estamos conversando, propondo, conhecendo e principalmente nos ouvindo com sensibilidade e respeito.

O exercício relatado evidenciou a importância da Museologia como participante do processo dinâmico de mudanças sociais, que inclusive configuram a constante tentativa de inserção de grupos estigmatizados em instituições de memória. Iniciativas como essas movimentam e dinamizam a área de produção cultural em museus, centros culturais e instituições afins, e o fato de estarem sujeitas a erros em virtude da falta

de conhecimento ou da euforia que não raro acompanha os primeiros passos em uma atividade ainda desconhecida, não elimina o seu potencial formativo e sua contribuição social.



Ainda estamos trabalhando pra fazer a Transgredindo Gênero acontecer, e toda colaboração bem intencionada é muito bem vinda! Informações, sugestões e contato podem ser feitos através do [cbsribeiro@yahoo.com.br](mailto:cbsribeiro@yahoo.com.br)

Créditos das imagens:

A primeira imagem é arte de Rafael Werke-  
ma para o Conselho Federal de Serviço Social.  
As duas últimas imagens são parte da campanha nacional do Ministério da Saúde (Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais) de promoção do respeito e da cidadania “Dia nacional da visibilidade trans”.

## NÚCLEOS DE ESTUDOS E PESQUISAS

### \* Ser-tão: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade

<http://www.sertao.ufg.br/>

Pesquisa em andamento

Políticas Culturais LGBT: interpretações antropológicas de uma cultura adjetivada

[Coordenação: Camilo Albuquerque Braz]

### \* NIGS: Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades

<http://nigs.paginas.ufsc.br/>

#### Projeto de Extensão

Papo Sério - Discussões sobre Gênero, Homofobia e Prevenção com jovens do entorno da Universidade Federal de Santa Catarina.

[Coordenação: Miriam Pillar Grossi]

### \* Grupo de Pesquisa: Perspectivas Queer em Debate

Área predominante: Lingüística, Letras e Artes; Letras

[Coordenação: Eliana de Souza Ávila]

### \* Instituto de Estudos de Gênero

<http://www.ieg.ufsc.br/>

[Coordenação Mara Coelho de Souza Lago, Miriam Pillar Grossi e Zahidé Lupinacci Muzart]

#### Outros grupos/ações

### \* Grupo ACONTECE – Arte e Política

Constitui finalidade fundamental da Associação ACONTECE – Arte e Política LGBT organizar o maior número de pessoas interessadas em defender e promover por meio da política, arte e cultura o direito à liberdade da orientação sexual de LGBT.

<http://acontecelgbt.wordpress.com/>

#### Comunicações

### 23º Seminário de Iniciação Científica da Universidade Federal de Santa Catarina

Antropologia, Feminismo e Museus: engendrando novas narrativas museológicas – Julia Moura Godinho

Memórias femininas e patrimônio alimentar - Josiely Koerich

## **Trans Day NIGS 2013:**

### **Semiário Transfobia, Cidadania e Identidades TRANS + Manifesto Visual contra a patologização das identidades trans**

Entre os dias 29 e 30 de outubro 2013, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina

O IV Trans Day NIGS tem como objetivo ampliar a reflexão científica e o debate sobre a patologização das identidades trans, abordando temas de grande importância política em nível nacional e internacional no campo dos estudos de gênero, tendo como enfoque os dilemas e paradoxos que envolvem a patologização dos sujeitos trans tanto no plano subjetivo quanto em suas implicações sociais e políticas.

Desejamos ampliar, com a realização deste Seminário específico sobre transfobia e identidades trans, o espaço acadêmico de discussão e troca de saberes entre a universidade, movimentos sociais e Estado, visando contribuir para o respeito à cidadania destes indivíduos e grupos sociais, através da implementação de políticas públicas inovadoras no campo do gênero e das sexualidades.

Além das três rodas de conversa e do manifesto visual pela despatologização das identidades trans, que será produzido coletivamente, haverá a apresentação do espetáculo teatral “Andróginos”, de Porto Alegre, que discute as normas binárias de gêneros.

#### **Coordenação do IV Trans Day NIGS**

**Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi**

**Simone Ávila - Doutoranda Interdisciplinar em Ciências Humanas - UFSC**

**Jimena Massa - Doutoranda em Antropologia Social - UFSC**

Mais informações:

**[www.trans-day-nigs-2013.com/](http://www.trans-day-nigs-2013.com/) [www.trans-day-nigs-2013.com/](http://www.trans-day-nigs-2013.com/)**

**[www.trans-day-nigs-2013.com/](http://www.trans-day-nigs-2013.com/) [www.trans-day-nigs-2013.com/](http://www.trans-day-nigs-2013.com/)**

*Julia Moura Godinho*

juliamgodinho@gmail.com

# Paradas da **DIVERSIDADE** e do **ORGULHO** LGBT pelo Brasil

**27/10/2013**

## **Caxias do Sul RS**

13ª Parada Livre de  
Caxias do Sul - RS

smsilva@caxias.  
rs.gov.br

## **Uberlândia MG**

12ª Parada do Or-  
gulho LGBT

Grupo SHAMA  
shama\_ong@  
yahoo.com.br  
www.shama.org.br

## **Entre Rios BA**

3ª Parada LGBT de  
Entre Rios - Bahia.  
Tema: "DE MÃOS  
DADAS NA 'CURA'  
CONTRA A HOMO-  
FOBIA!"

A partir das 14:00  
horas.

Contato: Prof. Ro-  
bson Santos Leite  
Oliveira  
F: (75) 9231-6705,  
9909-3022  
Facebook: Robson  
Oliveira

## **Campos Gerais PR**

Parada da Diver-  
sidade dos Cam-  
pos Gerais. Tema:  
"Diversidade: Uma  
aliança da conqui-  
stas"

Organização ARAH  
- Associação Re-  
gional de Apoio a  
Homossexuais  
I n f o r m a ç õ e s :  
Maykell Schember-  
ger - Diretor Presi-  
dente da ARAH  
F: (42) 9932-7053,  
3224-7894

## **Madre de Deus - BA**

1ª Parada Gay de  
Madre de Deus -  
"Todos Contra a Ho-  
mofobia e DST"

Realização: Grupo  
Arco Iris  
Informações: (71)  
8171-5598, 8788-  
7692

**03/11/2013**

## **Araruama RJ**

III Parada do Orgu-  
lho LGBT de Araru-  
ama - RJ

Concentração: Orla  
da Praia do Centro,  
14:00 hs

Organização: Gru-  
po Araruama Free  
Contato: (022)  
9808-2746 (Binho  
Xavier)

**10/11/2013**

## **Piracicaba - SP**

7ª Parada da Diver-  
sidade e do Orgu-  
lho LGBT

Realização: ONG  
Casvi  
Contatos: (19)  
3302-5906 e/ou  
9805-4522 com An-  
selmo Figueiredo/  
Theo

## **Sapeaçu BA**

4ª Parada do Orgu-  
lho LGBT de Sape-  
açu - Tema: "Cida-  
dania não combina  
com homofobia"

Saindo do Posto  
Laranjeiras a partir  
das 14:00 horas.  
Realização: Grupo  
Diversidade Sape-  
açense  
Contato: F: (75)  
8133-8717  
montivalsena2@  
hotmail.com

**Bacabal  
MA**

8ª Parada do Orgulho LGBT de Bacabal

Organização e Realização: Grupo Flor de Bacabal  
Contatos: (99) 3621-0316/5292 -  
Cel: (99) 8103-4915 Janicinha  
(99) 8151-1027  
Márcia Janne

**Belford Roxo  
RJ**

6ª Parada de do Orgulho LGBT. Tema: "Junt@s temos respeito"

Ana Costa  
triangulosabel@gmail.com

**15/11/2013**

**Itabirito  
MG**

1ª Parada da Diversidade Sexual de Itabirito

Concentração: Praça do Cruzeiro das Missões - Bela Vista

Contato: (31) 3561-1697, 8802-4495, 8555-7482  
leandrocerimonialeventos@hotmail.com

**17/11/2013**

**Serra  
ES**

VI Manifesto LGBT  
A partir das 14:00  
Local: Praia de Jacaraípe  
Informações: (27) 3291-2444  
forumlgbtserra@hotmail.com

**Catanduva  
SP**

5ª Parada da Diversidade de Catanduva

Organização: Grupo REVEJA - Ação e Pesquisa da Diversidade Sexual de Catanduva e Região  
Contato: F: (17) 3521-1631, 3522-0058, 9717-1143  
gama.vasco@gmail.com

**Limeira  
SP**

4ª Parada LGBT de Limeira

Realização: CAD - Centro de Apoio à Diversidade  
cad.limeira@gmail.com

**Este calendário foi retirado do site da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - ABGLT**

Acesse o calendário de eventos:  
<http://www.abglt.org.br/port/paradas2013.php>

Conheça a ABGLT: <http://www.abglt.org.br>

Envie sua notícia para

[revista@memorialgbt.com](mailto:revista@memorialgbt.com)

[www.memorialgbt.com](http://www.memorialgbt.com)

CLAGS  
FALL 2013

UPCOMING DEADLINES!



# FELLOWSHIPS

## Martin Duberman Fellow-ship The Robert Giard Fellow-ship

An endowed fellowship This award is presented to an named for CLAGS founder emerging, early or mid-ca- and first executive director, reer artist, from any country, Martin Duberman, this fel- working in photography, pho- lowship is awarded to a se- to-based media, video, or mov- nior scholar (tenured univer- ing image, including short- sity professor or advanced form film or video. Starting independent scholar) from with the current award cycle any country doing scholarly (2013-2014), awards will al- research on the lesbian/gay/ ternate between artists work- bisexual/transgender/queer ing exclusively with still im- (LGBTQ) experience. **Award:** ages (photography) and those **\$7,500. Application due: No-** working with moving images vember 15th, 2013. (video or film). In either case, this award will support a di- rected project, one that is new or continuing, that addresses issues of sexuality, gender, or LGBTQ identity. **Award:** **\$7,500. Application due: No-** vember 15th, 2013.

**Participe:.**

**Envie informações,  
fotos, matérias, su-  
gestões, artigos e  
babados.**

**www.  
memorialgbt.com**

These fellowships and awards are now being offered! Please see our website at [www.clags.org](http://www.clags.org) for full descriptions. Send all inquiries to [fellowships@clags.org](mailto:fellowships@clags.org)

**CLAGS**

THE CENTER FOR LESBIAN AND GAY STUDIES

365 Fifth Avenue  
Room 7115  
New York NY 10016

Phone: (212) 817-1955  
Email: [info@clags.org](mailto:info@clags.org)  
Website: [www.clags.org](http://www.clags.org)

O Centro de Estudos Lésbicxs e Gays dos EUA (CLAGS, cuja sede fica na CUNY, em Nova York) está com duas oportunidades de bolsas de estudos: uma para pesquisador-sênior, em qualquer país, que esteja pesquisando academicamente questões sobre a experiência LGBTQ; e outra para um artista, em início ou meio de carreira e em qualquer país, que trabalhe com fotografia ou filme que trate de questões sobre sexualidade, gênero e população LGBT. O prazo de inscrição é 15 de novembro, e ambas as bolsas são de 7.500 dólares.

**<http://clags.gc.cuny.edu>**

# Exposição Alan Turing

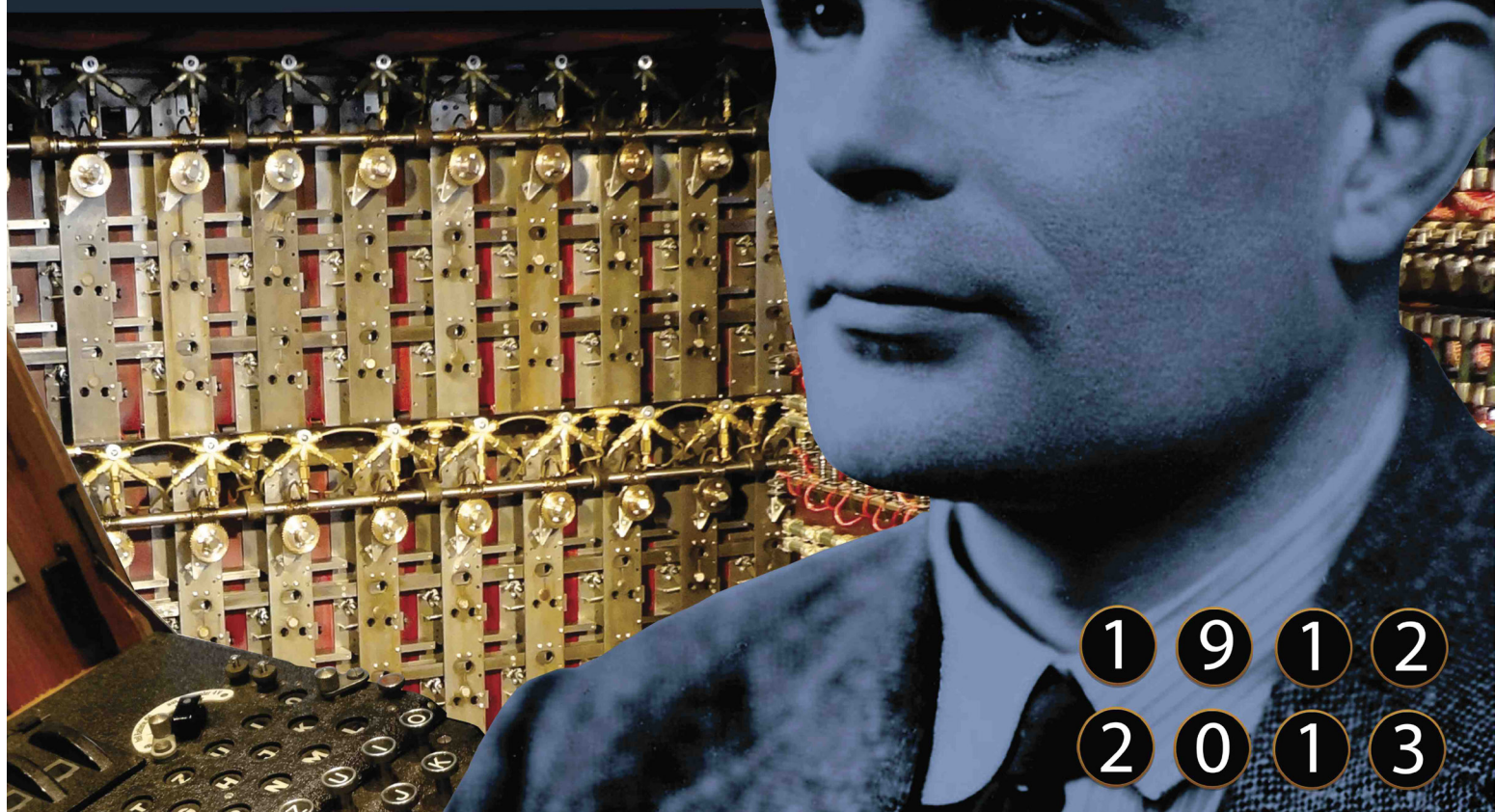
Legados para a Computação e para a Humanidade

14 de Outubro a 14 de Novembro de 2013

Com a curadoria do Prof. Dante Barone (UFRGS), a exposição apresenta fotos, banners e vídeos, divididos em cinco módulos: (1) Vida e obra, (2) Criptografia, (3) Máquina de Turing, Matemática e computabilidade, (4) Ficção, robótica e ética, e (5) Inteligência Artificial forte x fraca, além de palestras e oficinas.

**Visitação:** Segunda a Sexta-Feira, das 9:00 às 18:00.  
Entrada franca.

Mais informações em [www.inf.ufg.br/alanturing](http://www.inf.ufg.br/alanturing)



1 9 1 2  
2 0 1 3

Realização:



Programa de Pós-Graduação em  
Informática na Educação



Apoio:



PREFEITURA  
DE GOIÂNIA

Ciência Tecnologia e Inovação



A decorative border of red dots surrounds the text.

**Novembro Mês da  
Consciência Negra**

**20 de novembro  
Dia da Consciência  
Negra**

**Acesse:**

**[www.memorialgbt.com](http://www.memorialgbt.com)**

**[revista@memorialgbt.com](mailto:revista@memorialgbt.com)**

**Envie:**

**Chamada para a próxima edição**

**Envie:**

**15/11/2013**

**Envie:**

**Até 6 páginas**

**Envie:**

**Até 6 fotos**

**Envie:**

**Formato.doc**

**Envie:**

**Sugestões - Textos - Ar-  
tigos - Ensaio - Críticas No-  
tícias - Fotos - Análises Re-  
senhas**

**revista@memorialgbt.com**